

Representações de Mulheres Negras nas Histórias em Quadrinhos da Editora Kitembo¹

Amaro Xavier Braga Junior²
Universidade Federal de Alagoas - UFAL

RESUMO

Este estudo objetiva analisar criticamente as representações de mulheres negras nas publicações da editora Kitembo, com foco nas quatro edições do “Almanaque Kitembo”. A metodologia adotada fundamenta-se na interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw, nas teorias feministas negras de Patricia Hill Collins e bell hooks, e na Teoria da Representação de Stuart Hall. Os resultados apontam que as obras analisadas rompem com estereótipos históricos ao investir em protagonismo feminino negro, articular raça, gênero e classe como dimensões interseccionais, e construir visualmente as personagens a partir de uma estética negra diversificada e humanizada, distanciando-se da hipersexualização e da subalternidade.

PALAVRAS-CHAVE

Mulheres negras. Histórias em quadrinhos. Editora Kitembo. Interseccionalidade. Representação.

INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos (HQs) contemporâneas têm se consolidado como um campo fértil para a discussão de identidades marginalizadas em contextos de luta antirracista e feminista. No entanto, as representações de mulheres negras nessa mídia de entretenimento ainda são marcadas por estereótipos como a hipersexualização, a subalternidade e a invisibilidade, reflexo de estruturas sociais enraizadas no racismo e no patriarcado. Este estudo, é produto de um subprojeto de um projeto maior de pesquisa, intitulado: “Protagonismo e Interseccionalidade: Representações de Mulheres Negras em Histórias em Quadrinhos Contemporâneas”. Propõe uma análise focada nas publicações da editora Kitembo (Kitembo Edições Literárias do Futuro), um selo independente brasileiro que se destaca por promover narrativas afro-brasileiras e dar

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT32NE – Quadrinhos, Narrativas Gráficas e Design, evento integrante da programação do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, INTERCOM NORDESTE 2026 realizado de 8 a 10 de julho de 2026..

² Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação – PPGCOM/UFAL e do Programa de Pós-graduação em Sociologia – PPGS/UFAL. Professor Associado do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas- ICS/UFAL. E-mail: amaro@ics.ufal.br.

visibilidade a autores negros, nas áreas de horror, fantasia, ficção científica e no gênero que eles chamam de “afrofuturismo”.

A editora Kitembo surge como um contraponto ao mainstream editorial, oferecendo um espaço onde as identidades negras são construídas com complexidade e agência. O objetivo analisar criticamente as representações de mulheres negras nas HQs da Kitembo, identificando padrões de protagonismo e interseccionalidade (raça, gênero e classe), e contribuir para um diálogo crítico sobre equidade na cultura pop e nos estudos sobre os quadrinhos brasileiros contemporâneos.

Para tanto, nosso recorte e corpus metodológico foca nas quatro edições do “Almanaque Kitembo” (2002-2025), uma antologia de quadrinhos afrofuturistas com contos independentes publicado pela editora.

ANÁLISE E COMENTÁRIO DO CONTEÚDO

A análise das obras da editora Kitembo, baseada na metodologia interseccional proposta por Kimberlé Crenshaw (1991), nas teorias feministas de Collins (2019) e bell hooks (2018; 2019), e ainda tangenciando a Teoria da Representação de Stuart Hall (2006), revela um esforço deliberado para romper com estereótipos históricos. Enquanto o mercado tradicional frequentemente relegava mulheres negras a papéis coadjuvantes ou figurativos, as HQs da Kitembo as colocam no centro da narrativa, investindo em protagonismo e complexidade emocional.

Hall (2006) faz uma distinção fundamental entre representação reflexiva, intencional e construcionista. Aplicamos essas dimensões no material dos quadrinhos para avaliar como as obras da Kitembo operam predominantemente sob uma lógica ora intencional (quando os autores desejam corrigir a representação), ora construcionista (quando os sentidos emergem da linguagem e das práticas culturais). Quando usamos o modelo de codificação/decodificação (Hall, 2003) procuramos mostrar que a posição do produtor (no caso, a editora comprometida com um discurso) não garante a leitura preferencial desses sentidos supracitados. E nos parece indispensável, tratar as representações visuais feitas pela editora sob o binarismo “estereótipo negativo vs. positivo” (Hall, 2006), sugerindo que a luta por representação justa não se resolve apenas pela inversão de conteúdo, mas pela desconstrução do regime escópico, isto é,

de como vemos e compreendemos o mundo visualmente em uma determinada época (através destas HQS feitas pela editora) que fabrica alteridade.

A partir da grade analítica desenvolvida no projeto de pesquisa, é possível observar três eixos principais: (1) O Protagonismo e Agência, (2) a Interseccionalidade e Contexto Histórico-Social e (3) a quebra com Estereótipos Visuais.

Diferentemente das representações tradicionais, as personagens femininas negras nas HQs da Kitembo são frequentemente as protagonistas de suas próprias histórias. Elas não existem para servir de apoio a personagens brancas ou masculinas, mas são agentes centrais na condução da trama. Em nosso levantamento, identificamos obras que apresentam mulheres que tomam decisões cruciais, expressam desejos próprios e demonstram vulnerabilidade e força de maneira humanizada, afastando-se do estereótipo da "mulher forte" desprovida de subjetividade.

No que se refere à dimensão do contexto histórico-social, a análise demonstra que as narrativas da Kitembo incorporam consistentemente a interseccionalidade. As personagens não são apenas mulheres negras; elas são moldadas por suas condições de classe, por contextos geográficos (periferia urbana, comunidades rurais) e por uma memória histórica de resistência. No catálogo dos almanaques analisados, encontramos retratos de mulheres negras não como vítimas passivas da escravidão, mas como figuras centrais na organização de suas lutas e conquistas. Essa abordagem se alinha às perspectivas defendidas por hooks (2018; 2019), no qual a opressão enfrentada por mulheres negras só pode ser compreendida através de uma perspectiva que una raça, gênero e classe.

A construção visual dessas personagens nas HQs mostrou-se um ponto muito relevante da análise. As HQs da editora evitam a hipersexualização dos corpos femininos negros, comum em outras mídias. Em vez disso, há uma valorização da estética negra em sua diversidade: cabelos crespos, traços faciais variados e corpos reais são representados com aspectos que as autoras associam com dimensões de dignidade. A arte gráfica não serve para fetichizar, mas para humanizar. A escolha por autoras e autores negros é um fator determinante aqui, pois eles trazem um olhar endógeno que foge do olhar colonizador sobre o corpo negro.

Analisar as representações contidas nessas HQs da editora nos obriga a traçar, em paralelo, uma investigação das condições materiais de produção, distribuição e

consumo, incorporando as categorias da economia política da comunicação (Mosco, 1996) para examinar como a independência editorial convive com restrições de mercado, e discutir se o alcance real dessas HQs ultrapassa nichos acadêmicos ou militantes. Isto é, seria possível romper com o *mainstream* em termos de conteúdo e autoria a lógica estrutural do campo editorial? Provavelmente não. Sabemos, por via dessas perspectivas, que mesmo selos independentes operam dentro de relações de poder capitalistas: dependem de financiamento (editais, crowdfunding, venda direta), enfrentam gargalos logísticos e disputam espaço por visibilidade em plataformas controladas por grandes conglomerados (Amazon, livrarias franquizadas). A editora Kitembo atua nos campos independentes, nas feiras e na venda direta, celebra a resistência cultural como se ela existisse fora do mercado, quando na verdade ela negocia permanentemente com ele. Isto é, ela opera em um ecossistema ainda dominado por poucos grupos hegemônicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das representações de mulheres negras nas HQs da editora Kitembo demonstra que a indústria dos quadrinhos tem potencial para ser mais do que um reflexo das desigualdades estruturais; ela pode ser uma ferramenta ativa de combate ao racismo e ao sexismo. Ao investir em protagonismo, interseccionalidade e na diversidade de autorias, a Kitembo constrói um catálogo que funciona como um importante arquivo de resistência cultural, oferecendo narrativas de empoderamento que desafiam os estereótipos predominantes.

Por fim, problematizamos o uso do termo “afrofuturismo” nas publicações da editora, tensionando os debates sobre sua definição e suas hierarquias internas. Sabemos por diversas outras fontes, que o afrofuturismo de matriz estadunidense nem sempre dialoga com as tradições de futurismo negro indígena brasileiro ou com as críticas de que o gênero pode privilegiar o Sul Global. Provocamos uma reflexão sobre em que aspectos a Kitembo pratica um afrofuturismo com raízes locais ou como essa representação feminina lida com a tensão entre ancestralidade e o futuro tecnológico.

De toda forma, nosso estudo confirma a necessidade de iniciativas que não apenas analisem criticamente as mídias populares, mas que também promovam a

criação de conteúdos mais inclusivos e socialmente responsáveis. As HQs analisadas transcendem o entretenimento, atuando como ferramentas educativas e políticas que reescrevem as narrativas históricas e contemporâneas sobre mulheres negras. Defendemos que projetos como este, que unem a pesquisa acadêmica à prática editorial independente, são essenciais para fortalecer a luta por representações midiáticas justas, demonstrando que o entretenimento pode ser tanto um espelho crítico das desigualdades quanto um instrumento para sua superação. A editora Kitembo, ao dar voz e protagonismo a essas personagens, não apenas amplia o debate acadêmico, mas também cumpre um papel transformador, alinhando-se a agendas globais de equidade e justiça social.

REFERÊNCIAS

ALMANAQUE KITEMBO: quadrinhos afrofuturistas. Organização: Will Rez. [S.l.]: Kitembo Edições Literárias do Futuro, 2022-2025. 4 edições.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, **Consciência e a Política do Empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. **Stanford Law Review**, Stanford, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1229039> . Acessado em: 17/08/2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Codificação e decodificação na televisão. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 387-418.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

MOSCO, Vincent. Economia política da comunicação: uma perspectiva laboral. **Comunicação e sociedade 1**: cadernos do Noroeste, Braga, v.12, n. 1/2, 1999, p. 97-120.